



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**O FAZER PERSUASIVO EM TUÍTES DO ESTADÃO SOBRE A PANDEMIA
COVID-19: UM ESTUDO SEMIÓTICO**

Guilherme Santana Lima

Rio de Janeiro
2022

GUILHERME SANTANA LIMA

**O FAZER PERSUASIVO EM TUÍTES DO ESTADÃO SOBRE A PANDEMIA
COVID-19: UM ESTUDO SEMIÓTICO**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientadora: Prof. Dra. Regina Souza Gomes

Rio de Janeiro,
2022

Santana Lima, Guilherme
S232f O fazer persuasivo em tuítes do Estadão sobre a pandemia
Covid-19: um estudo semiótico / Guilherme Santana Lima. --
Rio de Janeiro, 2022.
37 f.

Orientadora: Regina Souza Gomes.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade
Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em
Letras: Português - Literaturas, 2022.

1. Temas e figuras. 2. Semiótica discursiva. 3. Universidade
Federal do Rio de Janeiro. I. Souza Gomes, Regina, orient. II. Título.

RESUMO

A persuasão em textos jornalísticos publicados na internet é construída através de mecanismos que podem ser esclarecidos a partir da semiótica, deixando clara a existência de uma intencionalidade discursiva. O objetivo central deste trabalho é analisar alguns tuítes jornalísticos, observando os recursos argumentativos empregados pelo enunciador como estratégia de persuasão a favor da adesão às vacinas diante da crise da saúde da Covid-19. Examinamos, principalmente, no nível discursivo, os recursos semânticos e seu efeito persuasivo, ou seja, o uso de temas e figuras. A análise de tuítes jornalísticos do Estadão segundo essa perspectiva demonstrou como foi produzido na internet o claro intuito de convencimento de um veículo jornalístico a partir da manifestação de temas cuidadosamente figurativizados, que mostraram a eminência do enfrentamento à pandemia de modo responsável. Temas que categorizam elementos do mundo natural, como saúde, morte e urgência foram representados em diversos tuítes sobre uma cobertura figurativa de indução a um comportamento favorável às medidas de vacinação e distanciamento. Essa estratégia contribuiu para o relativo êxito do programa nacional de imunização ao sensibilizar uma parcela da população brasileira, tomando como base os dados nacionais de adesão ao completo ciclo vacinal.

Palavras-chave: semiótica; discurso; temas e figuras; jornalismo; Twitter.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. A LINGUAGEM NA INTERNET E O TWITTER	12
1.1 Linguagem, Twitter e jornalismo na internet.....	15
2. FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: A SEMIÓTICA DISCURSIVA.....	18
2.1 O percurso gerativo de sentido	18
2.2 Tematização e figurativização	24
2.3 Ideologia e sincretismo	26
3. ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	29
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

1. INTRODUÇÃO

A partir da semiótica discursiva, o trabalho a seguir se propõe a fazer uma breve análise a respeito de alguns artifícios de persuasão jornalística em textos dentro do contexto da pandemia da COVID-19. Esses textos foram selecionados a partir do perfil no Twitter de um dos jornais virtuais de maior circulação nacional, o Estadão. A versão virtual desse jornal tem aproximadamente 6,9 milhões de seguidores e faz em média seis publicações por hora no Twitter. Considerando a limitação de 280 caracteres e 4 imagens por publicação baseada nas diretrizes dessa rede social, os chamados tuítes¹ jornalísticos são um gênero textual contemporâneo, marcado por informações condensadas. Funcionam através de uma conjunção entre imagem especificamente selecionada com um intuito persuasivo e a linguagem verbal. O tuíte jornalístico pode ser considerado como tendo algumas funções semelhantes às manchetes, já que ambas precisam informar e seduzir o leitor de forma rápida, encaminhando-o para a matéria completa. Em redes sociais, esse despertar da curiosidade do leitor deve ser feito com ainda mais rapidez, dado o acelerado ritmo de transição e rolagem entre postagens ao qual a maioria dos usuários está acostumada. Com o intuito de ampliar a propagação da notícia por meio de reações, comentários e compartilhamentos virtuais, o gênero costumeiramente faz uso de uma construção combinada entre texto verbal e não verbal. Cuidadosamente, é escolhida uma estrutura de informação e argumentação que leva em consideração como serão as reações àquela notícia. Enfim, esse gênero textual costuma estimular a curiosidade para que haja interesse em acompanhar a notícia completa no site do jornal através do link anexado à publicação.

Desde o surgimento do novo coronavírus, a linguagem jornalística desempenhou uma função informativa e apelativa em relação aos riscos da doença. Junto a isso, foram veiculados textos sobre o andamento da pandemia e seus impactos sociais e econômicos, sobre medidas de prevenção e higiene, sobre o progresso na descoberta de uma vacina e sobre como autoridades no Brasil e no mundo conduziram o enfrentamento ao problema coletivo. Nas múltiplas vias de propagação de textos jornalísticos, o assunto esteve presente, como em jornais impressos e televisionados, mas aqui nos interessa apenas a linguagem jornalística presente em formato digital nas redes sociais. Na atualidade, uma grande parcela dos veículos jornalísticos de ampla circulação acompanhou o avanço dos meios tecnológicos, criando

¹ A grafia do termo selecionado já segue parâmetros ortográficos da língua portuguesa.

perfis na internet em redes sociais com um número considerável de usuários, o que permite ter como vantagens, por exemplo, a transmissão de uma informação logo após um fato descrito e uma propagação maior daquilo que é publicado. Tais aspectos positivos são motivados, respectivamente, pela praticidade em publicar de modo rápido e pelo alcance instantâneo a múltiplos dispositivos eletrônicos, a partir do acesso ao portal noticiador ou a partir de uma simples ação de recarregar o *feed* de alguma rede social. Naturalmente, diante de uma recente questão de saúde que atinge a povos de todo o mundo, a elaboração de textos e discursos que se propõem a mediar ocorrências em torno desse fato maior proporcionaria uma infinidade de materiais a serem analisados pelos cientistas da linguagem.

A teoria escolhida se justifica por ter grande contribuição para o estudo do sentido e das formas de construção de persuasão na interação enunciativa. Conforme teorizou Greimas, a semiótica procura determinar quais são as condições de transformação de um objeto em significante para o homem. A linguagem não seria um sistema de signos apenas, mas de relações e significações decorrentes destas (BARROS, 2001, p.21). Pensar a linguagem como um sistema de significações e relações reflete-se na própria concepção semiótica do que é texto, sendo aqui encarado com um todo de sentido, constituído de um plano de expressão e um plano de conteúdo, abarcando textos verbais, visuais (como as fotografias, caricaturas e ilustrações que aparecem em jornais, por exemplo) e até audíveis, como os *podcasts*. Sob essa perspectiva ampla do que seria considerado um texto, a semiótica terá como síntese de sua aplicabilidade tornar explícitos os mecanismos de estruturação e interpretação de textos em geral. Em outras palavras, tal ciência procuraria estudar *o que se diz e o que torna possível esse dizer*, a partir da proposição de um percurso, um encaminhamento para a construção do sentido de um texto, chamado “percurso gerativo de sentido”. Esse percurso é dividido em três diferentes níveis – o fundamental (ou profundo), o narrativo e o discursivo – que juntos estabelecem graus de análise de textos em sua máxima amplitude do termo. Considerando os três diferentes níveis, pode-se dizer que partem de uma análise mais simples e abstrata e terminam em um nível mais concreto e complexo. (FIORIN, 2005, p.20).

O nível discursivo é definido como uma apresentação de termos mais concretos que servirão como um revestimento mais abstratas (que, por sua vez, aparecerão no nível semionarrativo). É o nível que habita o percurso gerativo de sentido de forma concreta e complexa. A partir de Fiorin (2005, p. 41), pode-se dizer que tal nível é uma materialização de “variantes de conteúdos narrativos invariantes”. Como exemplo dessas variações, podemos citar o gênero reportagem, que segue uma estrutura narrativa, mas tem em seu nível

discursivo a possibilidade de expressão de um esquema narrativo por diferentes formas, concretizando, por exemplo, o sujeito de ação como uma personalidade pública qualquer sobre o qual se noticia um fato. Nessa categoria, aparecem os conceitos de sintaxe discursiva e semântica discursiva, que, respectivamente, manifestam-se sob “as estratégias de projeção do sujeito da enunciação” e sua interação e as relações entre tematização e figurativização (GOMES e MANCINI, 2007, p. 2). Este último procedimento mencionado será responsável por pautar a análise de tuítes na presente monografia.

Já o *nível narrativo* é como uma camada intermediária entre a superficialidade e a profundidade. Neste nível aparecem as formas abstratas que serão materializadas no nível discursivo. Enquanto o nível discursivo concretiza o que seria uma lógica de organização básica dos textos, o nível narrativo estabelece essa lógica estrutural de construção. É importante ressaltar que o termo “narrativo” não pressupõe que este nível do percurso significa analisar apenas textos cuja tipologia textual é predominantemente narrativa. Na verdade, a ideia de narratividade é criada a partir de uma transmutação de estados que se sucedem, baseada numa interação entre um sujeito e um objeto de valor. Essa definição faz com o que o nível narrativo possa ser observado em outros tipos textuais.

O terceiro e último é chamado de *nível fundamental*. Esse nível é o ponto inicial do percurso gerador de sentido e abarca “categorias semânticas que estão na base do texto” (FIORIN, 2005, p. 21). A respeito dessas categorias, dizemos que são pautadas por intermédio de oposições, determinando um mínimo de sentido exigido na elaboração de um texto. Por exemplo, uma reportagem esportiva sobre um confronto entre dois times locais em uma final de campeonato após um dos times sagrar-se campeão será norteadada de acordo com as categorias vitória x fracasso. Um texto bem coeso pode ser explicado a partir da análise de seus três níveis aqui mencionados, de modo que uma boa correlação entre as partes do percurso gerador de sentido será responsável pelo êxito na elaboração da interpretação do material escolhido como *corpus*.

Para Greimas, o estudo da significação deve ter princípios que servirão de base comum para a análise da produção e interpretação de uma ampla gama de sentidos. Entender o percurso gerativo greimasiano envolve assumir a ideia de existência de uma ‘base comum’ para a significação, que se materializa em uma semântica gerativa, ou seja, que gere modelos de análise geral de sentido. Tal preceito foi sintetizado na citação a seguir:

A semiótica francesa parte do pressuposto de que os textos possuem uma lógica subjacente geral. Isso quer dizer que, independentemente das características que individualizam um texto, há esquemas de organização comuns a todos eles e é

precisamente desses esquemas gerais que nasce a metodologia proposta pela semiótica greimasiana... (GOMES; MANCINI, 2007, p. 1).

A partir do percurso gerativo de sentido, especificamente do nível discursivo, a presente monografia focará em analisar tuítes jornalísticos publicados pelo Estadão. Esse *corpus* foi selecionado a partir de tuítes do jornal digital que fizessem menção à pandemia do Covid-19. Palavras-chave como *pandemia*, *covid-19*, *vacina*, *Oxford*, *vacina chinesa*, *isolamento*, *máscara* e *coronavírus* foram inseridas na barra de pesquisa do Twitter junto ao nome do jornal, permitindo assim que fossem visualizados apenas os tuítes que continham uma das palavras chaves, publicados pelo Estadão. Todo o *corpus* foi coletado nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2020, abarcando tuítes entre os meses de agosto a novembro do mesmo ano. Em 8 de dezembro de 2020, foi vacinada a primeira pessoa no mundo contra a COVID-19, no Reino Unido. Os quatro meses que antecederam esse histórico momento foram marcados por constantes menções à pandemia e às vacinas no Twitter, sendo o assunto presença frequente nos *trendings topics* (assuntos do momento, com maior número de publicações diferentes). As palavras-chaves inseridas para buscar os tuítes jornalísticos foram escolhidas a partir de uma checagem diária dos *trending topics*, iniciada no mês de agosto e concluída no mês de dezembro. A checagem diária permitiu observar que palavras-chave e expressões apareciam com frequência, permitindo uma escolha adequada de matérias do jornal abordando a crise humanitária da Covid-19. Pensar a relação entre as imagens selecionadas pelo Estadão e sua linguagem jornalística dentro de um contexto específico pré-determinado torna possível a presente pesquisa, que verificará como são construídos alguns valores persuasivos e o posicionamento do jornal, segundo a semiótica. Dentro do percurso gerativo de sentido, o nível discursivo é responsável por apresentar qual seria a ideologia adotada pela enunciação de um texto, já que essa categoria abarca elementos imateriais normatizados em figuras tangíveis existentes em nossa percepção de realidade. Deste ponto parte a importância de um estudo centrado nos temas e figuras, aqui recorrendo à expressão cunhada no texto de Gomes e Mancini (2007, p. 12): funcionam como “ancoragem ideológica da enunciação”.

Partindo dessas reflexões, traçamos como hipótese que a publicação de tuítes jornalísticos sobre os avanços da pandemia e a difusão de imunizantes construiu a ideologia da urgência no enfrentamento ao coronavírus por meio de temas como saúde, vida e morte, concretizados sob figuras visuais e verbais. Diante da indecisão populacional a respeito das vacinas e apoio de alguns políticos a pensamentos anticientíficos, publicações jornalísticas

buscaram impactar o leitor por meio de dados científicos e do manejo de temas e figuras na linguagem verbal e visual, movendo-o a tomar uma decisão em favor de práticas que realmente poderiam combater a Covid-19.

Para verificação da hipótese, espera-se destacar que temas decorrem de percursos figurativos encontrados em tuítes do *Estadão* sobre a pandemia, comentar a relação entre saúde e política expressa pelos temas e figuras e demonstrar como foi construído uma ideologia pró-vacina a partir da identificação de valores inscritos nos discursos.

Para atingir os objetivos, esta monografia se organizará em três capítulos. O primeiro versará sobre a linguagem na internet e a linguagem jornalística, objetos dessa análise. Alguns aspectos a serem compreendidos servirão como validadores dos conceitos semióticos que alicerçam a análise dos textos oriundos de uma linguagem típica da internet, mais especificamente do Twitter, como falaremos posteriormente. O segundo capítulo desenvolverá os fundamentos teórico-metodológicos que norteará este trabalho e, por fim, procederemos a análise do *corpus*, encaminhando para as considerações finais da pesquisa.

1. A LINGUAGEM NA INTERNET E O TWITTER

Definir a linguagem na internet é uma complexa tarefa, embora seja possível colocá-la como uma interseção entre a fala e a escrita. Segundo Barros (2000), há posições intermediárias entre a língua falada e a escrita, sendo os textos produzidos na internet um exemplo ideal. O fundamento dessa afirmação passa a ser a manifestação tanto de características da escrita como da fala em textos na internet. A partir do conceito defendido pela autora, conseguimos citar situações discursivas na internet que demonstram essa amálgama, em categorias como tempo e espaço.

Dentro da categoria tempo, analisamos a questão da elaboração e da durabilidade de um discurso. Enquanto um discurso escrito é previamente elaborado, isso não ocorre costumeiramente com o discurso falado. Assim, marcas de oralidade e reformulação são características do texto falado. Também encontramos na fala as fragmentações e pausas que o enunciador faz até construir sua fala. Podem ser motivadas, por exemplo, por recorrer à memória de um fato que se deseja incluir naquilo que é dito, causando breves interrupções. Quanto à reformulação, esta é característica marcante da fala porque, já que não há um planejamento prévio, fala-se de modo concomitante ao processo de elaboração. A intencionalidade discursiva tem maior maleabilidade e depende também de estímulos da dupla interação dentro de um diálogo: ora assume-se o papel daquele produz, ora assume-se papel de ouve e interpreta. Muitas das vezes essa inversão de papéis ocorre de maneira simultânea.

Como contraste à fala, o texto escrito apresenta uma interação diferente com seu interlocutor. Além da já mencionada elaboração prévia, o texto é entregue ao término de sua elaboração e produção. Assim, é mantida durante a produção uma mesma intencionalidade discursiva a partir de uma não interação imediata com aquele que receberá a mensagem. Além disso, o registro escrito preserva o discurso, podendo perdurar de modo fiel por tempo considerável. Já na fala, a transmissão oral tende a ser reproduzida sob a forma de paráfrase dada a ausência de um planejamento e registro da produção em si, ainda que essa nova menção seja feita pelo mesmo elaborador inicial. Em um diálogo, por exemplo, quando o interlocutor não consegue ouvir ou interpretar com clareza aquilo que fora dito, o emissor repete a ideia central transmitida utilizando-se de recursos como sinonímia, hipérbato, ênfase em palavras específicas e a já mencionada paráfrase. Quando há necessidade de repetição, a

ausência de planejamento da fala evoca figuras de linguagem e relações linguísticas que, embora reafirmem o conteúdo expresso, são alvo de modificações e reestruturações.

Observamos na linguagem da internet um ponto de integração se pensada a categoria *tempo* de forma dicotômica entre fala e escrita. Em uma conversa via aplicativos de mensagens como Whatsapp e Telegram, vemos uma série de recursos que aproximam essa linguagem do não-planejamento da fala. São usados *GIFs*, *Stickers* e abreviações que tornam a conversa rápida, de modo que o envio de uma mensagem é imediatamente subsequente ao seu momento de elaboração. Alguns *Stickers*, as chamadas “figurinhas”, mesclam texto verbal e não verbal, incorporando à conversa respostas imediatas que se assemelham à reatividade das expressões faciais dentro de uma conversa, reforçando os conceitos de oralidade e elaboração não planejada. Sobre os áudios que podem ser enviados dentro desses aplicativos, encontramos mais marcas da fala e da escrita. Embora sejam reproduzidos de forma idêntica à fala, com divagações, planejamento imediato e reelaboração, áudios são registrados e armazenados assim como o texto escrito. Com o advento da tecnologia, seja em textos diversos escritos na internet ou audíveis como os diálogos por áudio via Whatsapp, são feitos registros ainda mais seguros do que no texto escrito fora do âmbito tecnológico. A possibilidade de *backups* e distribuição veloz subtrai riscos de perda de suporte de determinado registro escrito, ampliando uma característica que, em teoria, não seria aplicada à fala. Em suma, é possível que tenhamos textos na internet que fielmente reproduzam características da fala, ao passo que, em tempos modernos, sua durabilidade se assemelha e em certos casos é ainda maior que a durabilidade de textos escritos. Além disso, a simulação da fala via diálogos por mensagens na internet não garante que o interlocutor responda de forma imediata, como acontece também com os *e-mails*. Assim, fica evidente que, na categoria *tempo*, os textos veiculados pela internet podem se aproximar da fala e da escrita. Fala-se, portanto, em complexidade discursiva segundo a semiótica (BARROS, 2015, p. 13) já que as aparentes contradições podem coexistir nesse lugar comum que é a internet.

Outra categoria que exemplifica a interseção de linguagens na internet é o *espaço*. Associado ao termo *presença*, Diana Luz de Barros afirma:

[...] a fala é caracterizada pelo efeito de sentido de presença, em um mesmo espaço, dos sujeitos envolvidos na conversação, que, dessa forma, partilham o mesmo contexto situacional. Já no texto escrito, o destinador e o destinatário não criam o efeito de se encontrarem em um mesmo espaço. Decorrem da definição espacial ideal de fala e escrita os efeitos de sentido de proximidade e de distanciamento [...] (BARROS, 2015, p. 17).

Assim, o fator *presença* separa a categoria *espaço* em dois polos, mas aqui é vista novamente a complexidade discursiva da internet. Um emissor e um destinatário podem estar a milhares de quilômetros de distância, mas ainda assim terem sua presença simulada segundo percepções auditivas e visuais. É evidente que essa simulação não replica de maneira exata o diálogo presencial. A percepção sensorial tátil pode ser importante para a comunicação, como abraçar uma pessoa querida em um momento de reencontro. Logo, a comunicação na internet terá características espaciais da fala, bem como características da escrita, pela impossibilidade de recriar totalmente a presença à distância.

Por último, ainda seguindo o conceito da autora, falamos dos atores do texto, cujos papéis são realizados, segundo a semiótica, através de uma alternância entre escritor e leitor ou falante e ouvinte, quando pensada a fala plenamente realizada. O mesmo não acontece com o texto escrito, que tem em sua própria produção um movimento sem a participação direta do leitor. Mais uma vez, quando citamos a internet, encontramos discursos que podem se aproximar tanto do texto escrito como do texto falado. Novamente citando o exemplo das conversas via aplicativos de mensagens, temos nestas a elaboração de textos escritos que exigem interação entre no mínimo dois indivíduos, tal como o texto falado. Toda a estrutura é pautada em uma alternância de papéis entre aquele que emite e aquele que é alvo dessa emissão. Outrossim, dentro da internet há também textos que seguem o mesmo planejamento e realização de um texto escrito. Reportagens de portais virtuais não são construídas segundo essa alternância de papéis, no entanto, apesar de não materializar alternância, os jornais na internet simulam a participação e interferência ativa do leitor, por meio do espaço dado nos comentários e no acolhimento de fotos, vídeos e informações enviados por seus leitores. Na internet, predomina a alternância, como nas redes sociais. As categorias *tempo*, *espaço* tornam evidente, portanto, a complexidade discursiva da linguagem da internet.

Para falar de complexidade, Barros (2015, p. 20) usa um interessante exemplo, que pavimenta esta análise sobre mecanismos da linguagem jornalística na internet, mais especificamente a usada no Twitter. A autora fala das correções às quais o jornal *online* pode ser submetido, como atualizações de dados numéricos sobre vítimas e erratas após a sinalização de alguma incorreção. É importante destacar como esse gênero presente na internet pode manifestar características do texto escrito e falado. O texto final refeito não apresenta marcas de reformulação explícitas, como acontece com o texto escrito. Um exemplo metalinguístico de como isso ocorre de maneira similar é esta própria monografia, que passa por diversas reformulações até estar concluída, ainda que essas mudanças não sejam notadas

no texto final. Sobre as características do texto falado, essas reformulações são sinalizadas de outra forma no jornal online. Cada notícia tem sua data de publicação. Essa data costuma aparecer logo abaixo do título e subtítulo, juntamente com o nome do autor. Quando há correções, ainda que não sejam explícitas, como ocorre no texto escrito fora da internet, nota-se atualização na data, antecedida por trechos como “Atualizada em...”. A reformulação marcada expressa vestígios do texto falado, já que este também tem uma estrutura flexível. Assim, destaca-se o que Barros menciona sobre os discursos da internet, atuantes como aproximação de contrários:

Os discursos na internet operam, assim, a conjunção concessiva entre contrários, de que resulta o termo complexo: fala (próxima, descontraída, incompleta, subjetiva), embora escrita (distante, formal, completa, objetiva), ou escrita, embora fala (BARROS, 2015, p. 20)

1.1. Linguagem, Twitter e jornalismo na internet

Quando falamos em texto e discurso, embora não tratados como sinônimos pela semiótica, pressupomos a existência de uma parte emissora e outra parte receptora, noção básica entre todos os registros que se têm descritos pela humanidade, seja isso feito oralmente, por escrito ou por meio de algum elemento tecnológico. Limitando-nos à linguagem jornalística, aqui alvo desta discussão, a relação entre autor, texto e leitor rege o que é veiculado nos meios jornalísticos, desde programas televisivos até manchetes virtuais que fazem encaminhamentos através de links. Com o advento de novas tecnologias, a linguagem jornalística precisou passar por mudanças a fim de manter intactos o interesse e a credibilidade do receptor para com aquilo que é noticiado, além de uma relação positiva com o meio responsável por pesquisar, elaborar o corpo textual e transmitir a notícia. Dessa necessidade surge a migração de jornais para redes como o Twitter.

O Twitter é uma rede social e serviço de microblogging de ampla e ágil circulação de informações. Segundo seus fundadores, foi pensado como um serviço de SMS de celulares, compartilhando características como a quantidade reduzida de texto. São feitas publicações em tempo real com um limite de 280 caracteres, os chamados tweets. É possível que pessoas de todas as partes do mundo publiquem de forma simultânea sobre um mesmo tema, de forma que os assuntos mais comentados no momento entram para uma lista de relevância, os trending topics. Contudo, aqui nos interessa discutir como esse suporte exemplifica a existência de características comuns à fala e à escrita, além de delimitar como o jornalismo

passa a exercer sua atividade na internet a partir das redes sociais, mais especificamente o Twitter.

O crescimento exponencial dessa rede social durante a última década representou uma interessante modernização para os veículos de notícia. Antes, para que um indivíduo tivesse acesso a uma informação noticiada, ele precisaria ir fisicamente até uma banca de jornal, pagar por um serviço de assinatura que fosse responsável por entregar um impresso ou aguardar um horário específico para ter acesso às notícias divulgadas por programas jornalísticos televisivos. Atualmente, com a internet, nem mesmo é necessário procurar por notícias específicas. Em redes sociais, é comum que o *feed* seja composto por publicações de todos os perfis seguidos por uma pessoa. Logo, seguir um perfil de notícias faria com que todas as atualidades publicadas fossem mostradas para os seguidores. Essa praticidade promoveu o surgimento no Twitter de perfis oficiais dos principais veículos jornalísticos do país, como forma de ampliar o alcance e acelerar a informatividade, o que remete a conceitos derivados do jornalismo.

A reportagem, produto do jornalismo, funciona como um relato ampliado de um acontecimento importante, e isso repercute no campo social. Já a notícia é um relato integral de um fato que eclode no organismo social (MARQUES DE MELO, 2013, p. 331). Esses relatos, sejam ampliados ou íntegros, são alicerçados sobre a relação entre atualidade e universalidade. Em outras palavras, a informação precisa estar o mais próximo possível de sua fonte. Deseja-se sempre encurtar a distância entre aquilo que se deseja propagar e a materialização dessa propagação. A informação também precisa ser universal dentro de seu grupo de atuação, ou seja, chegar ao maior número possível de pessoas. Logo, o jornalismo tradicional passa a dar lugar a um jornalismo adaptado a um novo meio que melhor cumpre seu propósito comunicativo baseado na relação entre atualidade e universalidade. Aqui temos no jornalismo da internet mais um exemplo de como a linguagem empregada no mundo virtual é uma conjunção das esferas da fala e escrita. O jornalismo feito na internet não é construído como uma simples transposição de uma notícia elaborada em outro suporte, mas tem em sua criação o intuito prévio de estabelecer o conteúdo num espaço de características próprias, mas que manifestam marcas de interações da fala e a produção escrita.

O ambiente do qual a prática jornalística passa a emergir converge elementos da fala como a possibilidade de interação entre usuários da rede social. Como mencionado no começo desse capítulo, o diálogo em redes sociais e aplicativos de mensagens pode simular a fala, com planejamento quase simultâneo à execução e informalidade. Assim, a notícia virtual

tem, em seu espaço para comentários, um palco que remete à conversação sem suportes tecnológicos. Além disso, tal como o texto escrito, a notícia gerada por perfis oficiais em redes sociais tem em seu interlocutor um destino final, de modo que não há construção conjunta. Esse suporte também permite que sejam criados *links*, conexões com outras informações e fontes, que podem ou não ser da mesma fonte e recursos de avaliação com notas. Assim, não há participação direta do interlocutor, mas uma simulação dessa participação. Segundo BRADSHAW (2007), adota-se um modelo de “diamante da notícia”, em que primeiro seria gerado um chamariz. O alerta é breve e apenas faz menção ao acontecimento. Dada a limitação de caracteres do Twitter e o modelo de BRADSHAW, esse primeiro momento de alerta é manifestado de maneira satisfatória no Twitter. Sua limitação de caracteres, alcance e a demanda por rapidez tornam essa rede social um dos primeiros suportes a receberem uma notícia. A forma de redigir uma notícia também sofre mudanças: vende-se uma propaganda de informatividade ágil e precisa, enquanto procura-se em poucos caracteres contar um relato de forma cativante, que faça o leitor ter o desejo de clicar no link para ser direcionado para o site de notícias oficial do jornal. É possível perceber o enorme potencial dos microblogs que têm sido cada vez mais desenvolvidos. A prática jornalística no Twitter decorre, portanto, da necessidade de modernização e atendimento pleno da definição de reportagem e notícia de Melo (2009, p. 35). A demanda por praticidade, rapidez, alcance e cultivo de interesse do leitor trouxeram o jornalismo para o mundo da internet, que agora manifesta características próprias a serem estudadas pela semiótica. Aqui analisaremos *tweets* jornalísticos a partir do percurso gerativo de sentido, voltado à tematização e figurativização.

2. FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: A SEMIÓTICA DISCURSIVA

De acordo com Greimas (1973), a Semântica parte de uma necessidade de reflexão sobre a existência de um estudo da significação, já que, segundo ele, um questionamento sobre o que o outro significa seria o cerne das ciências humanas. Assim, tomando como base sua obra, esse estudo sobre a significação deve configurar-se como *gerativo*, o que significa tecer modelos que englobem uma mesma significação a nível profundo, enquanto a superfície pode tratar de elementos completamente diferentes. Parte-se de um campo mais simples e mais abstrato a um campo mais complexo e concreto, já que as abstrações feitas na superfície do texto permitem a compreensão de um enunciado. Esse estudo também deve ser *sintagmático*, cujo objeto de estudo é apreendido como um discurso produzido e interpretado a partir de relações estruturantes. O foco seriam as diferenças textuais produtoras de sentido. Por último, a perspectiva é de algo geral, que admite amplas manifestações de um mesmo sentido no campo do plano de expressão. Um conteúdo como /incerteza/ pode ser manifestado, por exemplo, tanto pela verbalização das palavras “não sei” como por meio gestual, com arqueamento de sobrancelhas e movimento de abertura dos braços e mãos com palmas viradas para cima. Assim, fica claro que conteúdo e expressão não precisam ser analisados de forma conjunta. Como aparece em Fiorin (2005, p. 16), entender esses elementos de uma semântica gerativa de sentidos nos permite interpretar textos, sendo este o objetivo fundamental deste trabalho a respeito de tuítes jornalísticos sobre a pandemia da Covid-19. Com essa finalidade, descrever o percurso gerativo de sentido, um dos elementos de construção dessa teoria, é imprescindível. Embora o foco aqui seja o nível discursivo do percurso gerativo de sentido, é preciso compreender os níveis fundamental e narrativo que embasam e fundamentam o nível mais superficial em que basearemos as análises.

2.1 Os níveis do percurso gerativo de sentido

O nível *fundamental*, considerado a primeira etapa, estabelece uma ordenação de categorias abstratas a partir de parâmetros de oposição e contrariedade. Podemos falar em uma ‘exigência’ de um elemento que tem seu valor axiológico determinado pela relação com seu contrário. Em outras palavras, a presença de um elemento pressupõe a existência de outro

dentro de um mesmo campo de significação. Ou seja, é possível opor os termos /claro/ e /escuro/ sob o domínio /luminosidade/, já que ambos os termos têm algum traço de significação em comum. Sobre esse nível do percurso gerativo de Fiorin destaca:

O nível fundamental compreende a(s) categoria(s) semântica(s) que ordena(m), de maneira mais geral, os diferentes conteúdos do texto. Uma categoria semântica é uma oposição tal que *a vs b*. Podem-se investir nessa relação oposições como *vida vs morte, natureza vs cultura*, etc. Negando-se cada um dos termos da oposição, teremos *não a vs não b*. Os termos *a vs b* mantêm entre si uma relação de contrariedade. A mesma coisa ocorre com os termos *não a vs não b*. Entre *a e não a* e *b e não b* há uma relação de contraditoriedade. Ademais, *não a* mantém com *b*, assim como *não b* com *a*, uma relação de implicação. Os termos que mantêm entre si uma relação de contrariedade podem manifestar-se unidos (FIORIN, 1999, p. 4)

Para exemplificar, podemos usar como referência a oposição *quente vs frio* como categorias, tendo como base semântica comum *temperatura*. A relação de contrariedade é expressa pela significação oposta entre aquilo que é quente e aquilo que é frio. É pressuposta uma relação de contraditoriedade entre *quente e não quente*, assim como *frio e não frio*. Por último, há implicação complementar entre um *não quente* e *frio*, assim como *não frio* e *quente*. Nessa lógica de contrários, serão trabalhados valores textuais voláteis, uma vez que é possível “trabalhar com a mesma categoria semântica, mas axiologizá-la diferentemente, e com isso produzir discursos completamente distintos” (FIORIN, 1999, p. 5). É importante destacar que toda a relação de contrários não está cristalizada em valores fixos. Podemos imaginar uma visita turística a dois lugares diferentes. Em uma localidade tropical, a categoria /quente/ seria pensada por um turista de forma eufórica, visto que lhe permitiria aproveitar melhor sua viagem, enquanto a categoria /frio/ seria disfórica nessa situação. Em outro contexto, por exemplo, em uma visita a regiões montanhosas de turismo voltado para atividades na neve, a categoria /frio/ seria avaliada positivamente enquanto a categoria /quente/ seria disfórica, negativa nessa situação. Em resumo, no nível fundamental, atribui-se significado a elementos que serão complexificados e concretizados no nível superficial, através de uma relação de contrários de valoração mutável.

Seguindo a linha de elaboração de patamares de construção de sentido, há também o *nível narrativo*. Conforme a definição do *Dicionário de Semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 334), fala-se de uma “narratividade generalizada”, ou seja, um princípio de organização aplicado a qualquer tipo de discurso. Não há foco em um agrupamento específico de textos, mas sim uma lógica mais ampla, considerando a narratividade como uma transição sucessiva de qualquer sujeito analisado, de um estágio inicial para um estágio final. Isso possibilita uma análise dessa transformação em estruturas distintas uma da outra. A expressão

conclusiva “e então viveram felizes para sempre”, por exemplo, costuma encerrar a narrativa de um casal, que passa de um estágio inicial de adversidades contrapondo a união, possivelmente até um estágio de aversão entre eles, para um estágio final de superação da dificuldade e alcance da felicidade romântica. Também como um possível exemplo dessa “narratividade mínima”, segundo Fiorin (1992, p. 92), poderíamos ter uma reportagem entusiástica sobre a liberação das primeiras vacinas contra a COVID-19. A transformação de estágios teria como princípio a tensão geral diante da pandemia, para um estágio final de estabelecimento da esperança de triunfo sobre a doença, através da ciência. Falamos de narratividade não só diante de transições de um estágio para outro; sujeitos e objetos, a partir da semiótica, podem relacionar-se por operações de conjunção ou disjunção. Cita-se como exemplo as tradicionais frases usadas nos anos iniciais escolares como recurso para uma análise sintática ou morfológica. Se é dito uma frase como “Bruna é bonita”, a presença de um verbo designador de estado estabelece uma conjunção de um sujeito, Bruna, com um objeto-valor: a beleza. Assim, podemos recorrer ao que explica a professora doutora Regina de Souza Gomes:

O conceito de narratividade abarca, assim, tanto as relações de transitividade entre sujeitos – e seu fazer – e objetos quanto as relações de comunicação entre sujeitos (tomados como destinador e destinatário). Tomando como base esse conceito, o trabalho do analista consiste em observar as relações entre sujeitos e objetos (enunciados de estado) e as operações que permitem a passagem de um estado a outro (enunciados de fazer) que, organizados, se estruturam em programas narrativos (um enunciado de fazer que rege outro enunciado de estado) (GOMES, 2008, p. 52)

É importante pontuar o conceito de papel narrativo a fim de delimitar as transformações da narratividade pertencente ao nível narrativo do percurso gerativo de sentido. Sujeitos não se referem a pessoas assim como os objetos não se referem a coisas. Os termos são empregados de forma ampla. As relações de transitividade entre sujeitos e objetos e a comunicação entre sujeitos, portanto, tratam de funções desempenhadas por uma infinidade possível de elementos.

Pensar o conceito de narratividade mínima de forma a não ter um *corpus* restrito não significa tratar toda produção textual como uma estrutura simples estabelecida por relações de junção e mudanças de estado. O texto é considerado uma estrutura complexa, cheia de nuances a serem consideradas. Com efeito de elucidação, para que um sujeito entre em junção com um objeto-valor, é necessário o incentivo de um querer ou não querer, a possibilidade de realização desse querer, o ato propriamente dito e seus resultados, que podem ser positivos ou não. Assim, foi criada uma sequência canônica com a finalidade de aprofundar a análise sobre

os processos de transformação de sujeitos. Esta sequência é formada pela manipulação, competência, *performance* e sanção.

A manipulação inscreve-se no esquema canônico narrativo através de um fazer-fazer, antecedido por um fazer-creer. Uma propaganda de uma agência de viagens tenta estimular o público a adquirir um de seus pacotes, usando de artifícios como a necessidade de um lazer e descanso. Pode também comentar efeitos negativos de arrependimento caso a oportunidade seja perdida. A manipulação, primeiramente, visa atingir a crença em um fazer a fim de que este seja realizado. Sobre os meios de manipular, isso pode ocorrer com a *provocação*, em que é posta em dúvida a capacidade do *fazer* do sujeito, movendo-o a agir. Há casos de indivíduos que obtiveram sucesso profissional, tendo como elemento motivador alguma expressão similar a “você não é capaz”. A intimidação é outro modo manipulativo. Tem-se um obrigar o sujeito, impondo-lhe punições, como a mãe que ameaça retirar pertences estimados de um filho, caso não se saia bem em uma prova. A *tentação* envolve incentivar uma ação por intermédio de alguma recompensa validada positivamente. Em determinados textos, essa recompensa de valor positivo pode vir a trazer prejuízos posteriormente, sendo um objeto-valor encarado sob uma relação de euforia/disforia. O objeto-valor sofre ação de diferentes sujeitos: um deseja levar o manipulado a um fazer enquanto outro o persuade a um não fazer. É o caso da conduta moral do ponto de vista bíblico, por exemplo, onde um objeto-valor pode ser validado de maneiras opostas. Por último, a manipulação pode ocorrer por meio da sedução. Atesta-se caráter positivo ao manipulado, levando-o à prática pretendida pelo manipulador. Um cortejo romântico entre duas pessoas exemplifica bem esse recurso.

A competência é o segundo momento da sequência canônica. Nesta fase, segundo Fiorin (2005, p. 30), “o sujeito que vai realizar a transformação central da narrativa é dotado de um saber e/ou poder fazer”. Nos recentes filmes dos estúdios Marvel, os personagens sofrem uma derrota que resulta na morte de metade do universo fictício. Parte-se então em uma busca de um *poder fazer*, que, na narrativa, está em um artefato de poder em forma de luva, que representa a capacidade de reverter a ação do antagonista, trazendo de volta as vidas perdidas.

O terceiro momento, a *performance*, é a mudança de estado, a transformação. Representa a ação que o sujeito toma para apropriar-se do objeto-valor desejado. A sanção, última etapa, vem logo em seguida, com a avaliação do resultado da ação. Constata-se que foi exercida uma performance, operada pelo sujeito alvo da manipulação cuja competência fora

confirmada, podendo-se atribuir um prêmio ou um castigo, a depender da realização ou não da ação.

Embora essa sequência explicita bem o encaminhamento de uma narrativa mínima, o objetivo não é estabelecer um parâmetro reducionista comum a toda e qualquer narratividade de um texto. Sobre este ponto, são interessantes algumas características das narrativas realizadas, fora do campo unicamente teórico, algo que Fiorin explicita em sua obra *Elementos de Análise do Discurso*:

Nas narrativas realizadas, as fases da sequência canônica não aparecem sempre bem arranjadas (...). Muitas narrativas não se realizam completamente (...) podem relatar, preferencialmente, uma das fases. (...) Além disso, as narrativas realizadas não contêm uma única sequência canônica, mas um conjunto delas. (FIORIN, 2005, p. 32)

O autor explica, no capítulo que nas narrativas propriamente ditas, realizadas em determinada obra, não se tem de forma fixa a sequência canônica. Pode haver foco em apenas uma das categorias, uma abordagem parcial da sequência ou até mesmo um emaranhado de sequências diferentes concatenadas. Além disso, não há obrigatoriedade ordinal, a começar por alguma manipulação e terminar em alguma sanção, quando essa ordem lógica que estrutura a narrativa se textualiza. Há produções cinematográficas que, por exemplo, tem em seu início uma frase marcante que prova essa narrativa realizada de forma não linear. Em um diálogo direto com o público, a frase “vocês devem estar se perguntando como eu cheguei até aqui” corrobora esse processo, já que a narrativa começa com uma *performance*, que somente depois de algum tempo terá sua manipulação e competência reveladas. Fiorin (2005, p. 36) ainda explica que a conjunção de um sujeito com um objeto não necessariamente implicará disjunção para outro sujeito, como um professor que compartilha conhecimento com sua turma sem perdê-lo. A sintaxe narrativa, parte deste nível do percurso gerativo de sentido, tratará, portanto, destes processos de construção de composição de sequências complexas a partir de sequências canônicas.

Por último, sobre a semântica deste nível do percurso, esta “ocupa-se dos valores inscritos nos objetos” (FIORIN, 2005, p. 36). Estes ramificam-se em objetos para a obtenção de uma finalidade; meios para que um fim seja atingido. São os objetos modais. Já os objetos de valor são os elementos com os quais o sujeito entrará em junção. De forma análoga ao que ocorre nas sequências canônicas em narrativas realizadas, esses objetos não são materializados sempre de uma mesma forma. A abstração de um objeto a nível narrativo permite que seu valor possa ser transportado ao concreto de formas diferentes, como a

/tristeza/, que pode ser representada pela perda de uma pessoa achegada, por um problema de autoestima ou por uma oportunidade trabalhista frustrada. O processo ‘inverso’ ocorre de modo similar: um objeto palpável no mundo real pode ter diferentes valores. O dinheiro pode ser considerado como objeto concreto do valor /riqueza/. Já na perspectiva bíblica, uma das cartas à Timóteo descreve o dinheiro como “raiz de todo tipo de coisas prejudiciais”. Não há objeto-valor /riqueza/ no segundo exemplo. O enriquecer, nessa sentença, é encarado de maneira negativa. Seja através da sintaxe ou da semântica do nível narrativo, a não uniformidade de parâmetros é evidente dada a complexidade das narrativas inscritas em todo tipo de texto.

O terceiro nível do percurso gerativo de sentido é o *discursivo*. Lembramos que o percurso gerativo de sentido vai do mais simples ao mais complexo e do mais abstrato ao mais concreto. Neste nível, teremos a abstração do nível narrativo mais concretizada. Conteúdos invariáveis contidos em narrativas sofrem variações discursivas, uma vez que a concretização pode ocorrer de diversas maneiras, englobando níveis de concretização como a tematização e a figurativização. Dessa forma, a nível sintático, falamos em operações de debreagem e embreagem ligadas a uma enunciação. A enunciação pode ser definida, segundo Fiorin (2005, p. 55) como o ato de produção de um discurso, algo “pressuposto pelo enunciado, o produto da enunciação” e análises. Na sintaxe, estarão compreendidas as estratégias de persuasão de um enunciador em relação ao enunciatário, assim como as projeções da enunciação no enunciado.

Dividimos os componentes destas projeções em actorialização, temporalização e espacialização. O primeiro institui atores do discurso a partir de um papel actancial e um papel temático. O segundo, também dependente de mecanismos de debreagem e embreagem, remete a uma organização temporal de encadeamento da narrativa. Não é apenas um “quando ocorre”, mas em suma, também um “em que localidade do tempo ocorre e como são encadeados os fatos”. Por último, a espacialização discorre sobre a localização espacial de relações entre diferentes sujeitos e sujeitos e objetos.

As estratégias de persuasão instauradas em um discurso decorrem das relações entre um enunciador e um enunciatário. Seja implícita ou explícita, há componentes argumentativos em discursos a partir de um intuito persuasivo de um enunciador. Essa argumentação pode estar contida sob a forma de figuras de pensamento como a ironia e o eufemismo. No eufemismo, o fazer crer do enunciador pode, por exemplo, visar uma atenuação de um conteúdo validado negativamente. Em um fazer persuasivo a partir de um tema como a morte,

um enunciado como “Infelizmente ele não resistiu” impõe a suavização de um tema mórbido em prol de uma demonstração de solidariedade diante de uma perda. A argumentação de um enunciado também pode exemplificar a fim de corroborar uma afirmativa, seja sua veracidade ou sua impossibilidade. Assim, como explica Fiorin (2005, p. 75), o discurso sempre terá um componente argumentativo que visa persuadir o enunciatário a partir de um fazer persuasivo instaurado nas instâncias do discurso, a enunciação e o enunciado. As marcas oriundas da enunciação exemplificadas por formas como as figuras de pensamento são deixadas no enunciado, permitindo uma distinção pensada por Fiorin:

Podemos distinguir (...) a enunciação enunciada e o enunciado enunciado. Aquela é o conjunto de elementos linguísticos que indica as pessoas, os espaços e os tempos da enunciação, bem como todas as avaliações, julgamentos, pontos de vista que são de responsabilidade do eu, revelados por adjetivos, substantivos, verbos, etc. O enunciado enunciado é o produto da enunciação despido das marcas enunciativas”.(FIORIN, 2005 p. 78).

2.2 Tematização e figurativização

Após delimitar brevemente a sintaxe discursiva, como as projeções da enunciação no enunciado e as relações de persuasão entre enunciador e enunciatário, cabe aqui considerar aspectos da semântica discursiva, especialmente os estabelecidos pela tematização e figurativização. Teremos de fato a concretude de categorias do nível narrativo, embora as figuras representem uma concretização maior que os temas. Em termos mais básicos, as figuras representam a matéria sensível existente no mundo natural, desde cores, elementos da natureza e ações praticadas por um sujeito. Essas figuras são concretizações de elementos mundo natural construído discursivamente, podendo ser representações do mundo natural experienciado pelo homem ou pode ser representações de um mundo fictício, como os sabres de luz em Star Wars, a vassoura voadora em Harry Potter e tantos outros exemplos possíveis. Já os temas são relacionados a conceitos mais abstratos como a inveja, o rancor e a beleza. “Temas e figuras têm funções próprias no discurso: os primeiros, mais abstratos, categorizam e classificam o mundo, interpretando-o; as segundas, concretizações dos temas, o descrevem e representam” (GOMES, 2008, p. 58). É importante pontuar a perspectiva ampla de oposição entre concreto e abstrato, que abarca elementos além da classe gramatical dos substantivos. Pular, embora verbo, pode também representar uma figura concreta, já que é perceptível pela visão.

A predominância de temas ou figuras que revestem algum esquema narrativo fará com que surjam textos figurativos e temáticos, que aqui não são compreendidos como o uso exclusivo de um destes recursos, e sim como uma existência majoritária de um dos dois, seja de temas ou figuras. Para compreender, podemos usar como exemplo uma reportagem sobre um novo museu inaugurado na cidade do Rio de Janeiro. O texto, cujo intuito é persuadir o leitor a conhecer a nova instituição, trará descrições e detalhará alguns objetos que podem ser observados. Informações precisas, tal qual o local onde fica, poderão ser lidas como um simulacro da realidade física natural. Alguns museus, durante a pandemia, adotaram o turismo virtual, com a possibilidade de visitação a sessões de exposição remotamente, também simulando a presença a um museu. Temos nestas exemplificações o mundo sendo descrito, figurativizado. São textos de predominância figurativa. Como contraposição, embora não se deseje tratar abstração e concretude como antônimos, podemos citar dois textos sobre a ansiedade, sendo o primeiro um trecho do escritor Charles Spurgeon² “A ansiedade não tira a aflição do amanhã, somente a energia de hoje”. Aqui temos um texto mais temático. É permitida a inscrição de um valor de maneira abstrata. Ainda dentro de um mesmo assunto, destaquemos o poema de Suzanne Leal³:

A ansiedade causa 'nós'
e 'entrenós' na garganta,
um mar de reboição
no estômago,
como se estivesse sempre a velejar.
O enjoo é constante
e a terra nunca está à vista.

Neste poema, temos um texto mais figurativo, que também fala sobre a ansiedade. Aqui, essa ansiedade manifesta fenômenos físicos que a tornam mais concreta, através do uso de figuras. Em uma demonstração mais breve de figurativização e tematização, teríamos, respectivamente, o dito popular “santinho do pau oco” e a expressão “a bondade dele é superficial, apenas aparência”. Vemos que, para cada processo de figurativização há uma tematização subjacente, que requer a existência de um valor. Seguindo um esquema narrativo, o fazer crer destaca malefícios de uma condição ansiedade. Existe uma tematização em torno da ansiedade figurativizada pelos ‘entrenós’ na garganta e pelo enjoo constante. Junções de nível narrativo são outra forma de observar a tematização e figurativização. Um estado de junção com a /alegria/ pode ser tematizado como realizar um sonho, algo que pode ser

² Não há consenso sobre o ano exato da publicação desta frase do autor.

³ Não há consenso sobre o ano e obra exatos de publicação do poema da escritora.

figurativizado de diversas formas como ser contratado por um emprego ideal, casar-se e ter filhos ou viajar para diversos países. A concretude das figuras não tem valor isolado. Há sempre um tema acompanhante, embora a relação entre estes não assuma somente uma ‘direção’. Assim como um tema pode ser figurativizado de diferentes maneiras, uma mesma figura pode “manifestar temas diversos” (FIORIN, 2005, p. 95). Itens cosméticos como batons, cílios postiços, sombras e afins podem ser figuras de temas como beleza ou vaidade negativamente valorada.

As figuras não aparecem dispostas isoladamente, isto é, não têm sua expressão cristalizada, ainda que possam ser tematizadas de maneiras diferentes e compartilhar com outras figuras um mesmo tema. Como a análise de textos não é feita sob um olhar destinado a frases dispersas, da mesma forma não seria possível compreender um tema observando uma figura separada de seu contexto de enunciação. A identificação de um tema, portanto, não será resultante de uma única figura, mas definida pela relação entre uma série de figuras, estas que podem integrar um texto, regidas por mais de um tema. Falamos então de dois percursos: o temático e o figurativo, que são, resumidamente, formados por encadeamentos de seus respectivos termos centrais. Assim, conclui-se, portanto, que a análise semiótica, a partir dos níveis do percurso gerativo de sentido, começa da superfície do texto e percorre até o nível profundo, lançando luz os temas e figuras.

2.3 Ideologia e sincretismo

Para a semiótica, a ideologia é fruto da busca por um objeto de valor. Greimas e Courtés (2008, p. 253) dizem que a “ideologia é uma busca permanente de valores”, pois o sujeito ideológico deseja de forma constante; esse desejar pode sofrer mudanças que dificultam a manutenção de um valor fixo para a ideologia. “A estrutura actancial que a informa deve ser considerada como recorrente em todo discurso ideológico.” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 253) De forma a ajudar nesta monografia, e baseado na definição do *Dicionário de Semiótica* (2008, p. 253), a ideologia pode ser compreendida como um conjunto de ideias e valores assumidos por um determinado grupo social, dialogando com níveis do percurso gerativo de sentido, já que esses valores são inscritos a partir de relações de junção com um objeto de valor. A ideologia será então veiculada através de temas e figuras, podendo ser mais ou menos figurativizada.

Esse termo é comum em discussões sobre política. É também citado em algumas canções conhecidas como *Ideologia*, de Cazuza. Assim, remete à ideia de posicionamento dos indivíduos em sociedade. A busca por um objeto de valor, segundo a semiótica, orienta a prática de um conceito produzido pelo meio social e, ao mesmo tempo, considerado como produtor desse meio. Dessa forma, dizemos que a busca por um objeto valor constrói a identidade de um grupo. Podemos pensar em grupos como o MST, reunidos em prol da busca por um mesmo objeto de valor. Quando a música citada menciona que os heróis estão mortos e os inimigos alcançaram o poder, a conclusão do eu lírico é de que “quero uma ideologia pra viver”. Em outras palavras, a ideologia, ainda que maleável a partir da inserção em grupos sociais específicos, será norteada pela busca por uma junção com um objeto de valor positivamente valorado. Ainda é válido pontuar que a ideologia não é comum a todos os integrantes de um grupo social. Essa “instância do percurso gerativo” apresentará a criação de algo que remete à realidade, de modo que a análise de uma ideologia permite pensar a realidade do mundo a partir de um conceito que a representa. Haverá uma ideologia inscrita ligada aos mecanismos de persuasão de um determinado texto.

É importante destacar que essa ideologia contida nos discursos, quando falamos de textos jornalísticos publicados em redes sociais, pode ser expressa por meio de mecanismos sincréticos. Aqui não consideramos o conceito de sincretismo como junção de papéis actanciais, mas sim sua perspectiva de construção de um texto a partir da interação entre diferentes linguagens. A partir de Greimas e Courtés (2008, p. 467) temos a seguinte definição: “(...) Serão consideradas como sincréticas as semióticas que – como a ópera ou o cinema – acionam várias linguagens de manifestação”. Em outras palavras, a construção de um enunciado jornalístico tem como essência uma cooperação, por exemplo, entre textos verbais e não verbais. Considerando que discursos jornalísticos não são unicamente informativos, é possível afirmar que a função conativa, de persuasão do leitor, pode ser em parte expressa através de estratégias visuais, como por fotografias e infográficos. Assim, não há unicamente a transmissão de um saber, mas um processo de vinculação de uma ideologia que dialoga com os valores do leitor.

De acordo com Fiorin, “quando se manifesta um conteúdo por um plano de expressão, surge um texto” (FIORIN, 2005, p. 45). Essa ideia de texto pressupõe a existência de um modelo que “simula a produção e a interpretação do *significado*, do *conteúdo*”, que emerge do percurso gerativo de sentido e que será manifestado através de um plano de expressão. Nas “semióticas sincréticas” (GREIMAS E COURTÉS, 2008, p. 467), haverá um plano de

expressão manifestado de forma plural com linguagens que podem se sobrepor. Isso também ocorre no conteúdo, uma vez que notícias podem transmitir múltiplas relações de sentido em informações sobre o mesmo acontecimento. Em suma, ao falar de sincretismo segundo a semiótica, tanto no plano de conteúdo como no plano de expressão isso significará um enunciado tecido a partir de uma “pluralidade de substâncias” de expressão. Os tuítes jornalísticos exemplificam esse conceito. Assim, é perspicaz a conclusão da professora Regina Souza Gomes:

A estratégia enunciativa, ao empregar procedimentos de sincretização de linguagens, ajuda a construir a identidade semiótica de um jornal, selecionando o enunciatário ao qual se dirige. Empresta-lhe, também, visibilidade, acrescentando-lhe um traço diferencial no meio do ruído intermitente provocado pela saturação de informações que circulam na sociedade contemporânea (GOMES, 2008, p. 85)

Assim, a autora demonstra que a identidade de uma publicação jornalística pode ser vista sob um olhar semiótico de sincretismo; o enunciado tem em sua composição diferentes linguagens a serviço de uma intenção persuasiva. Contudo, esse sincretismo entre enunciado escrito e imagem não delimita a significação da imagem a partir do texto. “É a visualidade que permite a existência, a forma material da imagem e não a sua co-relação com o verbal.” (SOUZA, 2001, p. 70). Não há simplesmente a explicação de um sistema através do outro. Na verdade, o que ocorre é um processo de aglutinação que irá compor a significação do texto, de forma que uma linguagem não será unicamente explicada pela outra. A significação dentro da linguagem jornalística, portanto, envolve o entendimento de como o visual e o verbal são integrados de forma sincrética, criando “(...) o efeito de unidade e homogeneidade que os caracteriza” (GOMES, 2005, p. 104).

3. ANÁLISE DO *CORPUS*

O *corpus* desta análise foi selecionado a partir de tuítes jornalísticos publicados pelo perfil do jornal *Estadão* no Twitter. No segundo semestre de 2020, foram divulgadas, não só no Brasil, as primeiras notícias sobre o desenvolvimento de vacinas contra a Covid-19, de modo que esse assunto foi tema constante nos meios aos quais o jornalismo recorre, como o Twitter. Assim, foram escolhidos inicialmente 20 tuítes publicados pelo *Estadão* com menções às palavras relacionadas à pandemia que mais apareceram nos *trending topics* dessa rede social, no período de agosto a dezembro de 2020. A seleção do corpus foi feita em três etapas. Primeiro, entre os meses de agosto a dezembro, foi feita uma checagem diária dos *trending topics* do Twitter. Essa checagem durou aproximadamente 140 dias. Esse processo permitiu verificar quais palavras relacionadas à pandemia apareciam com mais frequência, publicadas por perfis jornalísticos e perfis de usuários. Termos como *vacinas*, *pandemia*, *Covid-19*, *mortes*, *vírus*, *China*, *Oxford*, *coronavírus*, *isolamento*, *distanciamento*, *máscaras*, *pesquisa* e *ciência* foram os de maior ocorrência. Enquanto a primeira etapa estava em curso, foi iniciado o segundo momento da seleção.

No período de outubro a dezembro foi inserido na barra de pesquisa do Twitter a palavra *Estadão*, a fim de limitar os tuítes apenas aos publicados pelo jornal. Pôde ser percebido que, com o assunto sendo amplamente discutido no Brasil e no mundo, grande parte dos tuítes jornalísticos estavam associados ao enfrentamento da crise humanitária decorrente da propagação do vírus. Notou-se que o jornal estava fazendo uso dos termos encontrados nos *trending topics*, aumentando o alcance de suas publicações já que os tuítes eram vistos na aba *em destaque* da rede social. Por último, foram então escolhidos 20 tuítes que seguissem estes parâmetros, de utilizarem palavras relacionadas à Covid-19 e que fossem publicados pelo perfil oficial do jornal. Ao final dessa seleção, e considerando os limites de um trabalho monográfico, foram selecionados 5 tuítes representativos de todo o conjunto.

Os textos do *corpus* discorriam sobre a pandemia e a vacina, orientando argumentativamente, de forma velada, a população a aderir ao uso dos imunizantes, em contraponto ao que fora feito por alguns representantes do Governo Federal. Entre os recursos empregados pelo enunciador para fazer o enunciatário crer na ciência e nos imunizantes, daremos ênfase à escolha dos percursos temáticos e figurativos, mostrando seus efeitos de sentido. Assim, foram selecionadas algumas publicações do *Estadão* que nos permitissem

observar como o jornal propôs à população a vacinação sob caráter positivo para o bem-estar comum da sociedade brasileira, recorrendo a um sequenciamento de figuras visuais e verbais.

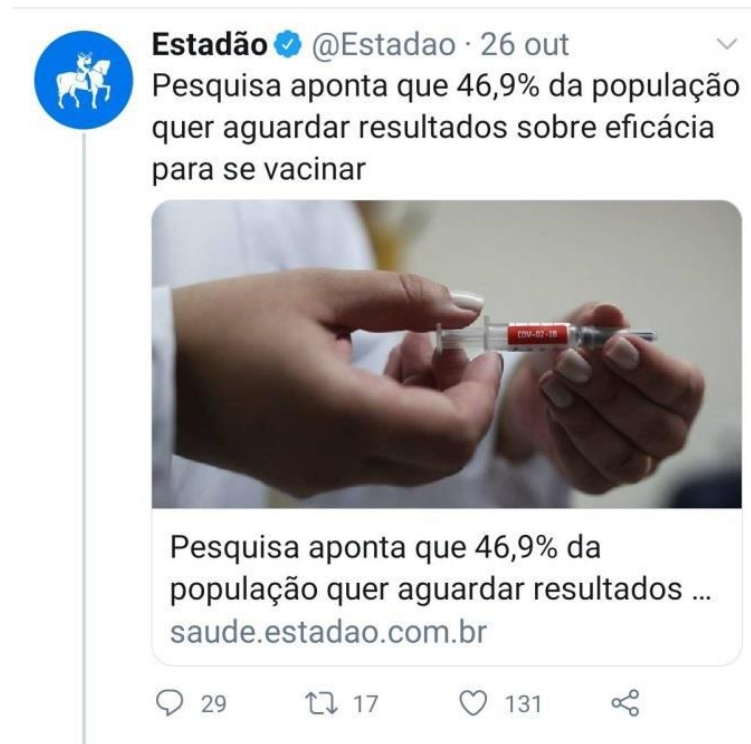
O *corpus* foi selecionado a partir de tuítes que, de natureza sincrética, eram formados por uma breve manchete e uma imagem que corroborasse o enunciado do texto. As imagens contribuem para que o enunciatário seja manipulado, ora por fazer uma demonstração da realidade, ora por dizer aquilo que não pode ser dito. Como os tuítes são limitados por um número máximo de caracteres, a materialidade visual dá suporte àquilo que se pretende informar e ao que se quer fazer crer. Desse modo, ter-se-á uma ideologia expressa através de um sincretismo de linguagens, mais ou menos figurativizadas. Vejamos abaixo dois tuítes e uma breve análise sobre os recursos semânticos em textos sincréticos para construir a verdade e promover a crença nos conteúdos e valores transmitidos.

Figura 1



Fonte: Print do Twitter do jornal *Estado de São Paulo*, 26/10/2020. Disponível em https://twitter.com/Estadao/status/1320755818573287432?t=3nGOJl6ki5z_h-8Je6YVxQ&s=08. Acesso em 30/10/2020.

Figura 2



Fonte: Print do Twitter do jornal *Estado de São Paulo*, 26/10/2020. Disponível em <https://twitter.com/Estadao/status/1320857739963342853?t=xcOO9f7Ubee1kLbPdclCww&s=08>. Acesso em 30/10/2020.

É interessante como a combinação entre imagem e escrita contribuem para uma construção de sentido. Na primeira, temos uma menção a um novo surto ocorrido na China, já após a disseminação mundial da doença. Fica expresso pela notícia que a alta de casos requereu medidas de testagem. Concentrando a análise no nível discursivo, temos figuras visuais como pessoas usando máscaras e a distância entre as duas pessoas da imagem. Há também figuras verbais como “China”, a ação de fazer testes (“testa”), “Kashgar”, os “4,7 milhões de residentes” e o “surto de coronavírus”. Notamos como o conjunto dessas figuras concretizam os temas da saúde e vida e da doença. Não é uma figura isolada que permite inferir quais são os temas. Na verdade, o percurso figurativo sugestiona os temas saúde e vida já que tanto no verbal quanto no visual há figuras que demonstram a importância de ações que zelem pelo bem-estar coletivo, algo claramente visto, no verbal, através da ação governamental de testar todos os habitantes de uma cidade, e no visual, por meio do respeito a medidas preventivas de uso de máscaras e distanciamento, determinadas pela Organização Mundial da Saúde. O tema da doença é manifestado através das figuras presentes no primeiro

texto assim como o tema da saúde. Além de compartilharem figuras como as já mencionadas, o tema da doença também é notado no enunciado verbal pelas relações entre as figuras “China”, “Kashgar” e “surto de coronavírus”. O país esteve em evidência nas notícias de 2020 sobre a pandemia por ter apresentado o primeiro surto conhecido do vírus. Assim, essas figuras demonstram o tema da doença, buscando, através dessa relação, um fazer crer na importância de medidas de prevenção e testagem. Com a ocorrência de um novo surto em uma cidade chinesa diferente, vincula-se um ideal de continuidade de ações contra a propagação da Covid-19, visto que a China, país à frente no enfrentamento pandêmico, voltara a um cenário de surto, como no princípio da pandemia entre o fim de 2019 e o começo de 2020. As figuras verbais e visuais criam um efeito de realidade, levando a crer nas informações ditas. Dada a importância de manter-se saudável e de evitar mais mortes e a seriedade da pandemia, vemos como o texto estabelece um valor ideológico do cuidado, seja por ações governamentais ou pela adesão da população a medidas práticas contra o contágio. A notícia a respeito de rígidas práticas de testagem viral pode impactar o enunciatário para que este não negligencie medidas preventivas. Como veremos nos textos seguintes, a política tem forte papel nas ações tomadas contra a Covid-19, já que o texto esboça uma medida do governo chinês da cidade de Kashgar, que decidiu testar toda a população. Validações positivas a vacinas, testagens, distanciamento e uso de equipamentos de proteção foram estratégias comuns utilizadas em publicações jornalísticas do *Estadão*.

No segundo texto, encontramos figuras verbais, como a “pesquisa”, os “46,9% da população” e o aguardar de resultados. Já no enunciado visual, temos o ato de segurar uma seringa em posição de espera, de quem tenta tomar uma decisão. A seleção dessas figuras serve como recurso de abordagem de alguns temas, como o da indecisão. Os dados percentuais precisos próximos de um equilíbrio e a forma como a seringa é segurada pelas mãos na fotografia são figuras, respectivamente, verbais e visuais, que corroboram esse tema, já que é indicado no enunciado verbal que metade da totalidade da população consultada assumiu uma postura indecisa, como exemplificado pelo enunciado visual. O tema da eficácia é outro que aparece inscrito nesse percurso figurativo, como um valor de busca, aquilo que se espera das vacinas. Por último, vemos o tema do receio. As figuras visuais e verbais mostram como muitos dos indivíduos consultados, como amostragem da população brasileira, não estão convencidos da eficácia da vacina.

Em ambos os textos analisados, parecem perpassar os temas da saúde e vida, como ocorrerá em todos os tuítes selecionados para esta monografia. As figuras visuais e verbais

relacionam-se, ocorrendo um encadeamento que permite a identificação dos temas mencionados. Assim, teremos expressos valores ideológicos de busca por convicções sobre a vacina e fatos sobre a pandemia, frisando que a ciência seria a única estratégia viável contra a propagação do vírus, seja através de medidas de vacinação, de distanciamento e de testagem. A ideologia inscrita tem como estratégia máxima apresentar fatos que evitem desinformação e promovam ações coletivas. Essa “busca permanente de valores” (GREIMAS, 2006, p. 253) trará estruturas sob forma temática em discursos figurativizados.

Vejamos mais dois tuítes, a fim de considerar a intencionalidade discursiva a partir do uso de temas e figuras. É importante reforçar que cada tema é encontrado não a partir de uma figura isolada, mas a partir de um percurso figurativo e temático, ou seja, um encadeamento de diferentes figuras e temas.

Figura 3



Fonte: Print do Twitter do jornal Estado de São Paulo, 01/11/2020. Disponível em: <https://twitter.com/Estadao/status/1323055974815465472?t=stNrUWDjfZcq3A1QngVfeQ&s=08>. Acesso em 03/11/2020.

Nesse tuíte, encontramos os temas política, bolsonarismo, xenofobia, negacionismo, patriotismo e anticientificismo. Sobre os temas política e bolsonarismo, podemos identificar figuras verbais como “bolsonaristas”, “Bia Kicis”, “Douglas Garcia” e o “ato anti-Doria”, já que os mencionados no tuíte são políticos adeptos ao bolsonarismo. Além da menção aos políticos acima citados, o ato, manifestação pública, expressa o tema política e o posicionamento anti-Doria, bem como o termo “bolsonaristas”, demonstra o tema do bolsonarismo já que, a época da notícia, seguidores e políticos apoiadores do presidente Jair Bolsonaro estavam em oposição ao político João Dória e sua tentativa de compra e obrigatoriedade de uso da CoronaVac. No enunciado visual, há figuras como o aglomerado de pessoas com mãos levantadas em promoção de um ato político, bem como o uso de cores da bandeira nacional em vestimentas e o uso da própria bandeira na manifestação. O visual, portanto, age conjuntamente com o verbal, evidenciando os temas mencionados.

Já o tema da xenofobia aparece explícito visualmente na faixa “vachina”, evidenciando um tom pejorativo em relação aos imunizantes de origem chinesa, que seriam adquiridos pelo governo de São Paulo. Sobre o negacionismo, identificamos figuras que validam a existência deste tema. Considerando o enunciado verbal, há figuras como o ato anti-Doria e a oposição à vacinação obrigatória. Essas figuras relacionam-se com o enunciado visual, já que encontramos figuras como a seringa gigante, em tom jocoso, a manifestação de um grupo de pessoas e a ausência do uso de máscaras em período de auge pandêmico. Os participantes do ato buscavam negar a efetividade das vacinas. Uma vez que tais imunizantes foram fruto de pesquisas científicas de comprovação da eficácia, as figuras visuais e verbais que confirmam o tema do negacionismo atestam também o tema do anticientificismo. Assim, visto que as mesmas figuras podem concretizar diferentes temas fica estabelecido que a produção de sentido não decorre de uma figura, mas de uma relação entre múltiplas figuras.

Por último, sobre o patriotismo, encontramos figuras que compõem esse tema, como, no visual, as próprias bandeiras brasileiras em negação a ideais considerados externos. No verbal, há a menção ao grupo “bolsonaristas” e a políticos defensores dessa política, conhecidos por seus valores supostamente patrióticos, segundo o ideal do próprio grupo. Para o grupo, a relação de adesão à vacina é considerada disfórica. Os temas do negacionismo, patriotismo e anticientificismo não pertencem de imediato a um mesmo campo de significação, mas o estabelecimento de um percurso temático pressupõe a existência de uma lógica interna que reúne esses conteúdos temáticos. Alinhavados conforme identificado pelo texto, o conjunto de lexemas abstratos mantém uma coerência entre si e manifestam um tema

mais geral, o que constitui o percurso temático. Neste texto, temas e figuras sinalizam uma ideologia de conjunção com a liberdade em detrimento de uma junção com a saúde e a vida.

Outro texto retirado do perfil do Estadão nos permite enxergar temas e figuras que servem como recurso do enunciador para um convencimento, cuja ideologia destaca a veracidade e a urgência:

Figura 4



Fonte: Print do Twitter do jornal Estado de São Paulo, 07/11/2020 Disponível em: <https://twitter.com/Estadao/status/1325219229101125637?t=j1FUNgr5C-1e8zczmgTQ3A&s=08>. Acesso em 09/10/2020.

Nesse exemplo, encontramos figuras visuais como as coroas de flores, as covas em sequência, as roupas brancas de proteção e luvas a fim de impedir o contágio e o uso de pás. Essas figuras instituem relação com figuras do verbal, como o número médio de 341 falecimentos diários e a Covid-19. A coadunação entre essas figuras formam os percursos figurativos do enterro e da morte. Outrossim, esse percurso tem como temas subjacentes a dor, o luto e a doença. Vemos no texto como o discurso jornalístico construiu-se como representante dos interesses pró-vacina, ainda que de forma velada. O uso das figuras associadas a temas como morte e doença defendeu os imunizantes em detrimento das práticas

de negação da ciência, conteúdos polêmicos pressupostos pelas figuras presentes no tuíte. O consórcio jornalístico formado em 2020, cujo intuito era evitar subnotificação dos casos de Covid-19, foi mais uma representação de que alguns jornais uniram-se em prol de um evitar promoções de desinformação. Notamos como saúde e vida foram temas comuns aos tuítes selecionados publicados pelo *Estadão*. O visual e o verbal instituem no texto a urgência e criam um efeito de realidade, realidade esta que tenderia a se tornar pior, caso as estratégias cientificamente comprovadas fossem rejeitadas. Portanto, é proposto ao leitor que acolha proposições científicas para que cenários caóticos de alto número de mortes por Covid-19 sejam erradicados, algo feito através da produção de um receio no leitor que evoque uma busca por cuidado pessoal e coletivo.

Vamos a seguir um último texto em que temas são selecionados a partir de um intuito de convencimento, sendo figurativizados por elementos verbais e visuais.

Figura 5



Fonte: Print do Twitter do jornal Estado de São Paulo, 26/10/2020. Disponível em: https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,guerra-da-vacina-pode-ajudar-a-unir-forcas-do-centro-democratico-contra-bolsonaro,70003490247?utm_source=estadao%3Atwitter&utm_medium=link&s=08. Acesso em: 30/10/2020.⁴

⁴ O tuíte em questão foi apagado pelo *Estadão* após alguns meses de sua publicação. Assim, o link direciona o leitor para a notícia no portal digital do jornal. A manchete e a imagem selecionadas são mantidas como no tuíte.

A figura verbal da guerra recobre os temas da luta, da força e do embate. Estes temas aparecem na manchete e são concretizados visualmente no posicionamento diagonal da seringa, que remete a um ato de erguer uma arma em posição de ataque. Notamos também o posicionamento das mãos, similar ao porte de algum armamento perfurante, como uma faca. Estabelece-se relação com os campos semânticos da saúde e da política. Sobre a saúde, temos a figura da vacina, que aparece no enunciado verbal e no visual. A política é concretizada pela figura verbal do presidente e dos políticos implícitos na expressão “centro democrático”. O tema da guerra, nesse tuíte, congrega-se, assim, tanto ao tema da política quanto ao da saúde. Assim, notamos como existe uma clara estratégia de persuasão nessa relação entre temas e figuras, já que a temática da luta, da força e do embate sugerem uma contraposição ao governo e sua postura até então não favorável à ampla difusão de imunizantes. Bem-estar coletivo, risco de morte, verdade e necessidade de urgência, portanto, foram valores inscritos através dos temas e figuras empregados pelo jornal na construção de tuítes, a fim de que o leitor acolhesse um comportamento adequado segundo diretrizes da Covid-19 promulgadas pela OMS ao invés de negar a ciência e os dados estatísticos sobre a pandemia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A articulação do nível discurso através da seleção de temas e figuras esboçou uma clara intenção persuasiva de publicações jornalísticas, como exposto nos exemplos selecionados. O jornalismo, a respeito do avanço da pandemia e adesão aos imunizantes, pôde se contrapor à indefinição de postura governamental no enfrentamento da crise na saúde, de modo que foram elaboradas estratégias sincréticas que alertassem o enunciatório com o intuito de persuadi-lo, algo feito não só nos jornais impressos e portais digitais de notícias, como também nas redes sociais, dado o elevado número de usuários distintos que diariamente acessam tais meios. Essa breve análise demonstrou como a verificação de alguns tuítes exemplifica que o discurso jornalístico rompe o princípio da isenção diante de uma postura considerada socialmente necessária, fazendo isso por estratégias marcadas pelo nível discursivo do percurso gerativo de sentido, segundo a seleção de temas e figuras.

Os percursos figurativos, isto é, a relação entre figuras verbais e visuais, apresentaram temas subjacentes. Saúde e vida, ainda que de maneira implícita, foram temas encontrados em todos os tuítes do *Estadão* sobre a pandemia. Esses elementos produziram efeitos de sentido previamente selecionados por parte do enunciador, destacando que valores como indecisão sobre as vacinas e negação da ciência precisavam dar lugar a comportamentos a favor dos imunizantes e a favor da ciência de modo geral, por parte dos leitores da notícia. A morte foi um tema recorrente, com figuras verbais e visuais como recortes exatos do andamento da pandemia, marcantes, reforçando o conceito de verdade das declarações publicadas pelo jornal.

Fica evidente que leitores podem ser persuadidos a partir de temas subjacentes às figuras selecionadas na construção visual e verbal dos tuítes. As figuras ganham um sentido a partir do momento que concretizam temas e é neste “lugar privilegiado de manifestação da ideologia” (FIORIN, 2005, p. 106) que os discursos contra a negação da ciência são formulados e assimilados pelo público leitor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *A complexidade discursiva na internet*. CASA. Cadernos de Semiótica Aplicada, n. 13, 2015. p. 13-31.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Publicidade e figurativização*. ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, v. 48, n. 2, 2004.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: Fundamentos semióticos* — 3. ed. — São Paulo : Humanitas / FLLCH/ USP, 2001.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Uma reflexão semiótica sobre a "Exterioridade" discursiva*. ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, v. 53, n. 2, 2009.
- BRADSHAW, P. *A Model for the 21st Century Newsroom: the news diamond*. Online Journalism Blog, 2007.
- CANÇADO, Márcia. *Semântica Lexical: uma entrevista com Márcia Cançado*. ReVEL, vol.11, n.20, 2013.
- ECO, Umberto. *A estrutura ausente*. S. Paulo. Perspectiva. 1971. p.87.
- FIORIN, José Luiz. *A noção de texto na semiótica*. Organon, Porto Alegre, v. 9, n. 23, 2012.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 15. ed., 5ª reimpressão. — São Paulo: Contexto, 2021.
- FIORIN, José Luiz. *Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva*. Revista D.E.L.T.A. vol.15, nº 1, 1999, p.177-207.
- FIORIN, José Luiz. *Sobre a tipologia dos discursos*. Significação: Revista De Cultura Audiovisual, 17(8-9), 91-98. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.1990.65501>
- GOMES, Regina Souza. *Gêneros do discurso: uma abordagem semiótica*. ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, v. 53, n. 2, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2132>. Acesso em: 10 junho, 2022.
- GOMES, Regina Souza. *O sincretismo de linguagens no jornal*. Linguagens em (Re)vista, 2005.
- GOMES, Regina Souza. *Relações entre linguagens no jornal: fotografia e narrativa verbal*. Niterói: EdUFF, 2008.
- GOMES, Regina Souza; MANCINI, Renata. *Textos midiáticos: uma introdução à semiótica discursiva*. Atas do IX FELIN. Rio de Janeiro: UERJ, 2007.

- GREIMAS, A. J. (1973). Un problème de sémiotique narrative : les objets de valeur. *Langages*, 31, 13–35. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/41680863>. Acesso em 09/08/2022.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2021.
- MARQUES DE MELO, José. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MARQUES DE MELO, José. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório *Intercom – RBCC*, São Paulo, v.39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016.
- MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo: compreensão e reinvenção*. São Paulo: Saraiva, 2009.
- MARQUES DE MELO, José. Panorama diacrônico dos gêneros jornalísticos. *In: Congresso brasileiro de ciências da comunicação, 33., Caxias do Sul, 2010. Anais eletrônicos*. São Paulo: Intercom, 2010.
- MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Org.). *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2013. 331 p.
- SOUZA, T. C. C. de. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. *RUA*. Campinas, SP, v. 7, n. 1, 2001.
- TATIT, Luiz. A abordagem do texto. *In: FIORIN, J. L. (org.) Introdução à linguística*. São Paulo: Contexto, 2010.